

"SEMPRE TIVE O SONHO DE APRENDER MÚSICA": RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM MUSICAL DEPOIS DOS 50 ANOS

"I ALWAYS HAD THE DREAM OF LEARNING MUSIC": A MUSICAL LEARNING EXPERIENCE AFTER BEING 50 YEARS OLD

Cristina Faria⁽¹⁾

(¹) Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal)

Email: cfaria@esec.pt

Recebido: 03/01/2017

Aceite: 24/01/2017

Publicado: 14/09/2017

RESUMO:

Ao contrário do que se possa pensar, a aprendizagem musical pode ser efetiva mesmo quando se verificam condições limitantes ligadas ao envelhecimento. O presente trabalho pretende, para além de relatar uma experiência, já com quatro anos, de ensino musical com um grupo de 22 indivíduos com uma média de idades de 71,5 anos, mostrar que a aprendizagem musical é eficaz, resultando numa mais-valia para a compreensão e utilização da linguagem musical em projetos de enriquecimento e desenvolvimento pessoal no envelhecimento. São discutidas as estratégias utilizadas bem como os respetivos resultados, tendo por base as premissas do envelhecimento ativo.

Palavras chave:

aprendizagem musical, envelhecimento ativo, ensino musical não-formal, prática musical, formação de públicos, música e envelhecimento

ABSTRACT:

Contrary to what one might think, learning music can be effective even in the presence of limiting conditions associated with ageing. In addition to reporting a four-year experiment of music education with a group of 22 individuals with

Faria, C. (2017). "Sempre tive o sonho de aprender música": relato de uma experiência de aprendizagem musical depois dos 50 anos. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 12, setembro, 2017, 191-204. ISSN: 2182-018X

an average age of 71.5 years, this paper intends to show that music learning is effective, resulting in added value for the understanding and use of the language of music in projects dedicated to furthering personal enrichment and development in the ageing process. The strategies used and their respective results are discussed, based on the premises of active ageing.

Keywords:

music learning, active ageing, non-formal music education, music practice, art public training, music and ageing

Introdução

O envelhecimento acarreta uma série de alterações físicas, fisiológicas e psíquicas que podem comprometer as respostas dos indivíduos às solicitações do quotidiano. Para muitos, a passagem à condição de aposentado, equivale a entrar numa situação em que se deixa de ser útil e necessário a uma sociedade em contínuo movimento. Também o aparecimento progressivo de doenças não transmissíveis mas, muitas vezes, incapacitantes leva a estados de maior dependência, muitas vezes na origem de processos depressivos.

Já passaram quase duas décadas sobre a adoção do paradigma do “envelhecimento ativo” pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Esta nova visão do envelhecimento como a “otimização de oportunidades de saúde, participação e segurança visando melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (World Health Organization, 2002: 12), tem contribuído para a definição de estratégias políticas que permitam um retardamento de alguns problemas próprios destas faixas etárias, fazendo com que os indivíduos se continuem a sentir parte ativa da sociedade onde estão inseridos.

Em Portugal, incluído no “Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações”, aparece um “Programa de Ação, 2012” (Janeiro, 2012). No texto introdutório deste documento podemos encontrar, indicado como uma das dimensões de referência a ter em conta “o investimento na aprendizagem ao longo da vida” (Governo de Portugal, 2012: 6). Também neste documento, sob o lema “Conhecer, ganhar mais sabedoria e divertir-se”, aparece a alusão às Universidades Seniores como “instituições” de

Faria, C. (2017). “Sempre tive o sonho de aprender música”: relato de uma experiência de aprendizagem musical depois dos 50 anos. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 12, setembro, 2017, 191-204. ISSN: 2182-018X

aprendizagem informal para pessoas com mais de 50 anos (ibidem: 7).

Foi dentro de uma destas instituições, a Escola de Educação Sénior do Instituto Humanus, em Coimbra, que se iniciou a experiência que se relata neste artigo. Uma das particularidades desta Escola Sénior é o facto de estar inserida no espaço da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, permitindo que os alunos mais velhos possam, inclusivamente, participar em aulas de algumas unidades curriculares daquela Instituição de Ensino Superior. Nesta perspetiva, começaram a aparecer inúmeros alunos da Escola Sénior interessados em frequentar a unidade curricular de Formação Musical da Licenciatura em Música. Uma vez que tal não era possível – pelo facto de os alunos desta licenciatura já terem que possuir competências musicais para poderem frequentar o curso – a Escola Sénior decidiu abrir uma disciplina para que os seus alunos pudessem aprender música. Assim começou a aventura da aprendizagem musical para muitas pessoas que, pela primeira vez na sua vida, tiveram a oportunidade de concretizar o seu sonho nesta área.

A disciplina de Formação Musical para Adultos foi criada em 2012. Todos os anos entram alunos novos que se vão integrando nesta turma depois de terem passado – pelo menos a maioria – por uma turma de iniciação musical a fim de facilitar a integração na primeira.

Os conteúdos abordados versam quer a aprendizagem contextualizada do código musical e da teoria musical, quer conteúdos ligados à cultura geral musical (história da música, organologia) ou à estética musical.

A. O Grupo

O grupo que integra o presente estudo é constituído por 22 indivíduos, 14 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idades entre os 61 e os 86 anos.

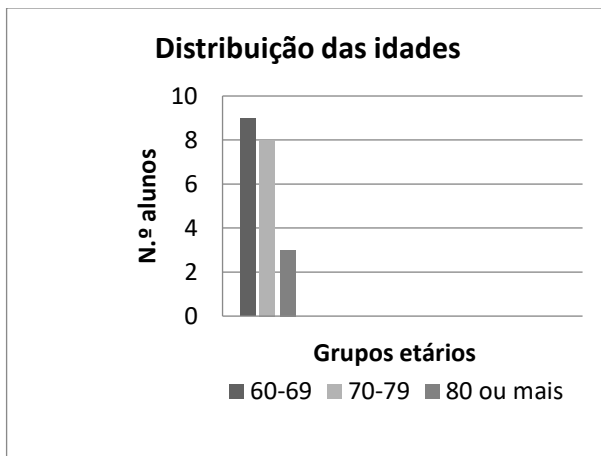
Para melhor conhecimento do grupo, analisaram-se as fichas de inscrição e distribuíram-se inquéritos para os quais se solicitou resposta, uma vez que se tinha conhecimento de que todos os participantes sabiam ler e escrever.

Faria, C. (2017). "Sempre tive o sonho de aprender música": relato de uma experiência de aprendizagem musical depois dos 50 anos. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 12, setembro, 2017, 191-204. ISSN: 2182-018X

Dos vinte inquéritos respondidos, todos com preservação do anonimato, foi permitido aferir os dados que a seguir se apresentam.

a) Em relação à idade:

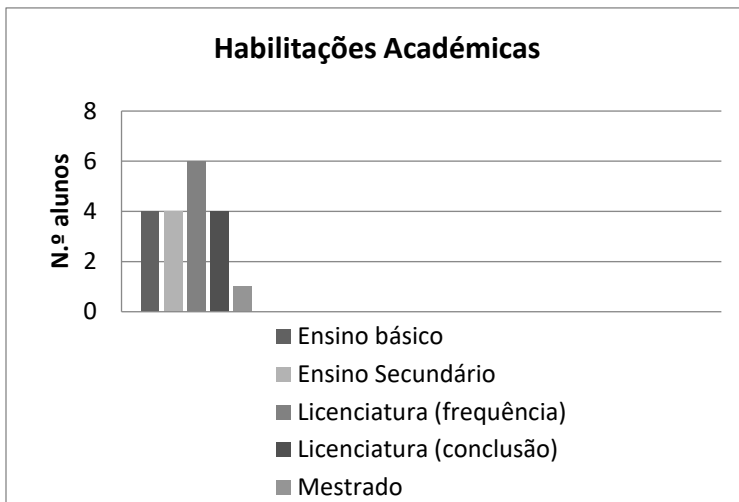
Embora a Escola Superior Sénior possa ser frequentada por indivíduos com idade superior a cinquenta anos, a maioria dos seus alunos é constituída por indivíduos já aposentados, o que aponta para idades superiores ao limite mínimo.



O grupo de alunos da disciplina de Formação Musical para Adultos não é exceção, possuindo uma média de idades de 71,5 anos.

b) Em relação à escolaridade:

Embora encontremos alunos com diferentes habilitações académicas, a maioria dos alunos que procurou a aprendizagem musical (55%) frequentou ou concluiu estudos de nível superior.



c) Em relação aos conhecimentos musicais:

Dos vinte alunos que responderam aos inquéritos, 50% pertence ao grupo que entrou logo no primeiro ano de funcionamento da disciplina. Dos restantes, 3 entraram há três anos, 2 há dois anos e 5 no ano passado.

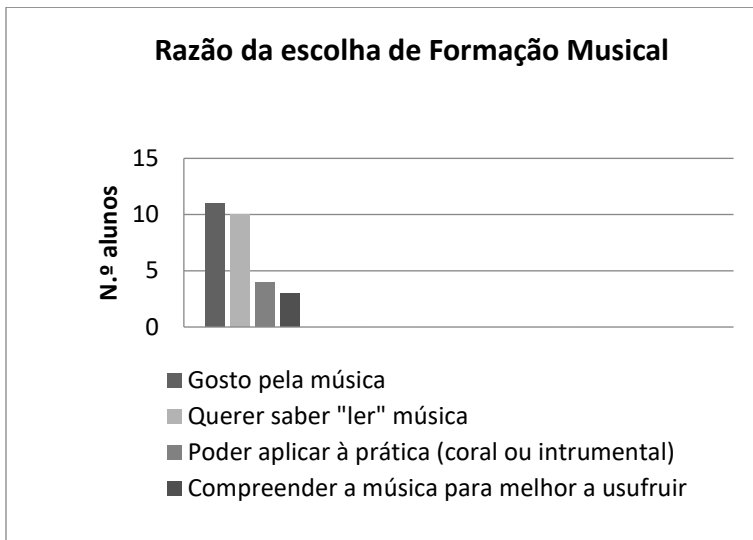
Inquiridos sobre os conhecimentos musicais que possuíam à entrada na Escola Sénior, 12 participantes (60%) afirmaram não saber nada de música e 8 (40%) que sabiam muito pouco, apontando como base as aprendizagens adquiridas no ensino geral e liceal.

B. Formação Musical

a) Porquê e para quê

À questão relacionada com as razões para a escolha permitiu-se resposta aberta. Assim, os motivos apresentados pelo grupo para terem escolhido a disciplina de Formação Musical foram variados destacando-se o gosto pela música e a curiosidade em conhecer a respetiva linguagem, tanto através do conhecimento do código musical quer com a vontade expressa de poder aplicar estes novos conhecimentos à prática musical.

Faria, C. (2017). "Sempre tive o sonho de aprender música": relato de uma experiência de aprendizagem musical depois dos 50 anos. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 12, setembro, 2017, 191-204. ISSN: 2182-018X



b) As dificuldades

Confrontados com a aprendizagem de uma nova linguagem com código e regras próprias, muitos dos alunos afirmam sentir algumas dificuldades na aprendizagem mas 85% afirmam que as têm ultrapassado progressivamente.

Dois dos alunos que só têm um ano de Formação Musical responderam que têm sentido muitas dificuldades e outro responde que sente que não se tem aplicado, pelo que os resultados não se têm verificado tão bons quanto desejaria.

As maiores dificuldades verificadas relacionam-se objetivamente com a aprendizagem da nova linguagem. Focam essencialmente a leitura musical (20%), a execução rítmica (20%) e a compreensão das funções tonais (15%).

Dois dos alunos reforçam a ideia das dificuldades que sentiram aquando da sua inserção na turma inicialmente formada, pela acentuada diferença entre as competências que traziam e as já adquiridas pelo grande grupo. Nota-se, assim, que o facto de a turma de iniciação musical ter um funcionamento intermitente acaba por prejudicar a integração anual de novos alunos que, muitas vezes,

entram na turma formada inicialmente e acabam por ser de opinião de que não estão ainda capacitados para acompanharem os colegas mais antigos na turma.

c) Os benefícios

Todos os alunos são unânimes em afirmar que lhes tem advindo benefícios desta aprendizagem. Para além de reconhecerem que têm aprendido e descoberto que podem aplicar estes novos conhecimentos noutras aprendizagens (prática vocal e/ou instrumental), as aulas têm-lhes despertado a curiosidade para o mundo mais alargado da cultura musical, tornando-os consumidores musicais mais atentos e mais informados, o que tem concorrido para uma maior e melhor fruição desta forma de arte.

Discussão

Flohr e Hodges (2002) afirmam que a música é mais do que um estímulo sonoro, estando ligada aos mundos da cognição, afetividade, cinestesia e processos sociais de cada indivíduo.

Warren (2008:32) afirma que a música providencia elementos únicos para um sem número de aspetos da função não-verbal do cérebro, ativando uma série de módulos corticais que processam diferentes componentes percetivos, cognitivos e emocionais.

Durante muito tempo imperava o mito de que os indivíduos mais velhos já não teriam capacidade para novas aprendizagens. O ditado popular “burro velho não aprende línguas” ilustra o pensamento de tanta gente, letrada ou não, nomeadamente no mundo ocidental.

Desde a última década do século XX estas mentalidades foram-se alterando. Novos estudos comprovam que o ser humano tem a capacidade de aprender durante todo o seu percurso de vida.

A condição de aposentado permite, muitas vezes, a dedicação de tempo à realização de sonhos adiados ou fermentados ao longo da sua vida, como é, por exemplo e no caso apresentado, o da aprendizagem musical. Esta vontade de se fazer o que tem sido permanentemente adiado é a base da motivação verificada durante a aprendizagem musical.

No presente estudo, verifica-se estarmos em presença de uma aprendizagem efetiva da linguagem musical mesmo em indivíduos com mais de 80 anos. Embora se constate a necessidade

de mais tempo para a aquisição de alguns dos conhecimentos, nomeadamente os que têm implícita a aplicação de regras musicais, a prática e a apresentação permanente de novas situações de aplicação ajudam a consolidar as novas aprendizagens.

Também a menor capacidade de memorização é compensada pela maior organização e maior maturidade na compreensão dos conceitos. O lema “mais importante do que decorar é compreender e saber onde encontrar a resposta” é utilizado constantemente, permitindo aos alunos não sentir a pressão da necessidade de memorização e conferindo à aprendizagem maior consistência.

Sloboda (2003) afirma que os indivíduos de qualquer idade têm a capacidade de processar o material sonoro tanto absoluta quanto relativamente e que essas habilidades podem ser desenvolvidas com o treino em qualquer idade.

São vários os investigadores que se debruçam sobre a relação entre a aprendizagem musical e a plasticidade cerebral, que não é transitória nem regressiva mas que se verifica como uma capacidade adaptativa sistemática – uma configuração dinâmica do sistema nervoso –, persistindo ao longo da vida sem excluir o período da velhice (Pascual-Leone et al, 2005).

Na experiência que agora se relata verifica-se isso mesmo: todos os indivíduos são capazes de aprender música, qualquer que seja a sua idade.

No entanto, podem ser levantadas algumas questões relacionadas com este processo.

A primeira questão coloca-se no planeamento e estratégias de ensino. Em relação a esta questão, mostra-se absolutamente necessária, aliás como em qualquer processo de ensino e aprendizagem, formal ou não, uma sistematização na apresentação dos diversos conteúdos teóricos, que são abordados sempre a partir de uma situação musical prática. Os exemplos trabalhados são, muitas vezes, melodias que constituem excertos temáticos de obras mais vastas já ouvidas e reconhecidas pelos alunos ou pequenas melodias criadas para o efeito e que podem servir de base a uma série de atividades de diferente índole (criação de *ostinatos* rítmicos para acompanhamento ou invenção de um contratempo baseado nas funções tonais, por exemplo). A surpresa do reconhecimento da sua

própria capacidade em descobrir de onde é retirada a melodia funciona, muitas vezes, como mais um elemento de motivação. Por outro lado, a maturidade destes alunos impele-os a colocar questões durante todo o processo, o que constitui frequentemente um guia para o docente aferir sobre a adequação das suas próprias estratégias de ensino, que são, como se infere do que foi já dito, quase exclusivamente, práticas.

A inclusão, todos os anos, de novos alunos numa turma já consolidada, tem trazido vantagens e desvantagens: se, por um lado, o facto de os novos alunos poderem sentir-se mais inseguros e ficar um pouco inibidos perante a participação, sempre ativa e permanente, dos seus colegas mais antigos na turma, por outro lado a percepção do docente de que é necessário consolidar esta ou aquela aprendizagem serve de mote para revisões e aprofundamentos teórico-musicais.

No entanto, não é só a inserção anual de novos alunos que contribui para a heterogeneidade dos resultados durante a aprendizagem. Nota-se que os indivíduos que possuem mais habilitações académicas são, na maior parte das vezes, mais rápidos na apreensão de novos conhecimentos musicais. Também são estes, normalmente, que colocam mais questões relacionadas com o que estão a aprender, mostrando-se mais desinibidos em mostrar dúvidas que, não raras vezes, são também as dúvidas de muitos outros alunos. Por outro lado, também os alunos que começaram a utilizar as aprendizagens adquiridas nas aulas de Formação Musical na prática instrumental têm consolidado os seus conhecimentos à medida que os aplicam a esta nova situação.

Uma das estratégias em que se tem insistido é a do trabalho de grupo para criação de pequenas frases rítmicas ou melódicas que possam complementar uma melodia estudada. O trabalho de grupo tem-se mostrado, muitas vezes, de difícil realização. Várias questões se têm levantado, principalmente relacionadas com a dificuldade na partilha de decisões. Os grupos escolhem muitas vezes um líder (normalmente o que demonstra possuir mais facilidade em realizar o trabalho) e delegam nele a realização da tarefa solicitada. Outras vezes, quando há vários indivíduos dominantes, aparecem no mesmo grupo várias soluções para o problema colocado, sem haver concordância no resultado a apresentar. A cedência de vontades e a

partilha do conhecimento são questões mais complicadas e que se têm mostrado mais difíceis de resolver no grupo.

Outras questões colocadas no dia-a-dia deste processo de ensino e aprendizagem musical com grupos mais velhos estão relacionadas com o envelhecimento físico e fisiológico, como a presbiacusia, a senescência vocal ou a diminuição na coordenação motora.

Em relação às duas primeiras alterações fisiológicas, elas são, como se reconhece, irreversíveis: efetivamente, à medida que se envelhece perde-se audição, sobretudo nos registos agudos, e a voz adquire determinadas características provocadas pelas alterações das frequências fundamentais (que vão ficando mais graves no sexo feminino e mais agudas no masculino) e pela diminuição das extensões vocais e da instabilidade vocal. Porém, estas alterações não têm sido impeditivas de um bom desenvolvimento musical, por exemplo ao nível da entoação dentro de uma oitava, com utilização de mansolfa.

Por outro lado tem-se notado um aumento da coordenação motora em exercícios rítmicos a vários níveis corporais que se propõem no início de cada aula. Utilizam-se normalmente os quatro níveis (batimento de pés no chão, batimento das mãos no joelhos, palmas e estalos dos dedos) e os alunos que frequentam as aulas há mais tempo têm muito menos dificuldade em repetir cada exercício proposto em quatro pulsações, quer em divisão binária e/ou ternária e mesmo contendo células rítmicas sincopadas ou outras mais complexas.

É, porém, na aprendizagem rítmica, mais do que na melódica, que se verificam as maiores dificuldades. Estas não estão relacionadas com a não compreensão racional dos valores relativos das figuras musicais mas antes com a dificuldade em manter uma determinada pulsação e/ou em sentir as respetivas divisões. A execução rítmica traz consigo, também, o obstáculo acrescido da coordenação motora, embora se note que, progressivamente, também neste aspeto os resultados têm melhorado através das atividades propostas.

Apesar das questões acima colocadas, os alunos são unânimes em afirmar que a frequência das aulas de Formação Musical lhes traz benefícios.

A estratégia de se utilizarem, predominantemente, muitas obras musicais de épocas, estilos e géneros diferentes tem também contribuído para o alargamento da cultura musical dos alunos. Para além disto, todos os anos se tem proporcionado a assistência a concertos musicais, com grupos corais/instrumentais e obras de compositores diversos. A participação nestes concertos é sempre preparada nas aulas anteriores a cada concerto, nas quais se contextualizam as obras e os respetivos compositores e se faz, com os alunos, uma breve análise formal das obras que vão ser escutadas, construindo-se, muitas vezes, pequenos guiões para acompanhamento da audição. Esta estratégia tem contribuído para a formação de consumidores musicais mais conscientes, mais curiosos e mais críticos.

Conclusão

A música é importante para qualquer ser humano pela forma como ela age sobre ele.

O cérebro “auditivo” tem uma organização hierárquica, anatomicamente e funcionalmente (Warren, 2008). Blocos de captação das bases fundamentais acústicas (frequência, harmónicos, duração e intensidade das diferentes notas numa melodia) são os primeiros a ser ativados pela música, seguindo-se vários estádios de processamento relacionados com o conjunto de características específicas de um instrumento ou de uma melodia ou da simultaneidade de instrumentos ou melodias. Estas representações ligam-se, então, às memórias musicais e ao conhecimento, importando informação de outros domínios cognitivos e, por fim, programando um comportamento de resposta apropriado.

A partir do estudo neuropsicológico de inúmeros indivíduos vítimas de amusia, consequência de malformações, acidentes ou, mesmo de diferentes patologias, vários investigadores chegaram à conclusão de que a atividade musical envolve quase todas as regiões do cérebro humano, bem como praticamente todos os subsistemas neuronais, embora cada região neuronal seja responsável pelo processamento de diferentes aspetos musicais como a altura (frequência), o andamento, o timbre ou a intensidade. É do agrupamento destes vários processos neuronais independentes que se consegue uma representação coerente do que se está a ouvir.

Faria, C. (2017). “Sempre tive o sonho de aprender música”: relato de uma experiência de aprendizagem musical depois dos 50 anos. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 12, setembro, 2017, 191-204. ISSN: 2182-018X

É assim, de extrema importância o trabalho musical com indivíduos mais velhos, a fim de contribuir para a manutenção da vivacidade da atividade cerebral.

Hargreaves et al. (2005) referem que a música parece desempenhar um papel único no desenvolvimento individual e social do ser humano e a predisposição para se envolver em atividades musicais parece ser uma adaptação biológica, adquirida através da evolução.

Esta capacidade que a música tem em “tocar e moldar” as emoções humanas é uma das principais razões pelas quais deve ser utilizada em atividades com as populações mais velhas. Nestas idades, como noutras, a música pode representar uma forma de autocontrolo expressivo e também de forte atuação nas próprias funções cognitivas.

De notar que, para além da influência da música no comportamento de quem a ouve, é importante perceber, também, o que a própria prática musical conjunta pode trazer aos processos de relacionamento social. Todos os alunos de Formação Musical para Adultos pertencem a grupos de prática musical, nomeadamente ao Coro Misto da Instituição que frequentam.

Stige (2010) na reflexão que faz sobre a avaliação de um projeto que levou a cabo com um coro sénior em Sandane, Noruega, apresenta um resumo das ideias principais contidas nos depoimentos dos coralistas acerca do seu próprio relacionamento com a música, da sua participação no coro e do ato de cantar. As opiniões dos participantes indicam que o ato cantarem em coro foi, entre outros aspetos, uma experiência emocional positiva, uma experiência de colaboração e de pertença comunitária, uma experiência estética, um exercício e um comprometimento cognitivo e a formação e confirmação de uma identidade, contribuindo efetivamente para o seu bem-estar.

Sacks (2008: 249) refere que “o ritmo e a sua condução do movimento, o seu poder de “mover” as pessoas, em mais do que um sentido da palavra, pode perfeitamente ter desempenhado uma função cultural [...] decisiva na evolução humana, juntando as pessoas em grupo, produzindo um sentimento de coletividade e de comunidade”.

Acredita-se que o tipo de relação que se estabelece entre indivíduos que fazem música em conjunto influencie os laços sociais que estes indivíduos possam estabelecer com outros, mesmo fora daquele “espaço musical”. Assim, crê-se que a aprendizagem musical, que pode, inclusivamente, constituir um facilitador para a prática musical conjunta, é um dos caminhos para um envelhecimento ativo de qualidade.

Referências bibliográficas

Ansdell, G. (2010). Belonging through Musicing: Explorations of Musical Community. In B. Stige, G. Ansdell, C. Elefant & M. Pavlicevic (Eds.) *Where Music Helps: Community Music Therapy in Action and Reflection*. Surrey: Ashgate Publishing Company, pp. 41-62.

Flohr, J., Hodges, D. (2002). Music and Neuroscience. In R. Colwell & C. Richardson (Eds). *Second Handbook of Research on Music Teaching and Learning*. New York: Oxford University Press, pp. 991-1008.

Governo de Portugal (2012). *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações: Programa de Ação, 2012/Portugal*. Disponível em:

<http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>

Hargreaves, D. J., MacDonald, R., Miell, D. (2005). How do people communicate using music? In D. Miell, R. MacDonald & D. Hargreaves (Eds.), *Musical Communication*. Oxford: Oxford University Press, pp. 1-26.

Pascual-Leone, A. et al. (2005). The Plastic Human Brain Cortex. *Annual Review of Neuroscience*, 28, 377-401. Disponível em: http://multisensory.ekmd.huji.ac.il/publications/Pascual-Leone_Amedi_et%20al%20Ann%20Rev%20Neurosci%2005.pdf

Ruud, E. (1985). Music as Communication – a Perspective from Semiotics and Communication Theory. In Even Ruud (Ed.), *Music and Health*. Oslo: Even Ruud, pp. 187-194.

Sacks, O. (2007). *Musophilia: Tales of Music and the Brain*. New York: Vintage Books.

Sloboda, J. (2003). Music and development: introduction. *Annals of The New York Academy of Sciences*, 999. New York: The New York Academy of Sciences, pp.389-391.

Stige, B. (2010). Caring for Music: The Senior Choir in Sandane, Norway. In B. Stige, G. Ansdell, C. Elefant & M. Pavlicevic (Eds.), *Where Music Helps: Community Music Therapy in Action and Reflection*. Surrey: Ashgate Publishing Company, pp. 246-274.

Faria, C. (2017). “Sempre tive o sonho de aprender música”: relato de uma experiência de aprendizagem musical depois dos 50 anos. *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, N.º 12, setembro, 2017, 191-204. ISSN: 2182-018X

Warren, J. (2008). How does the brain process music? *Clinical Medicine*, 8(1), 32-36. Disponível em: <http://www.clinmed.rcpjournal.org/content/8/1/32.full.pdf>.

WHO (World Health Organization), (2002). *Active Ageing: A Policy Framework*. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf

Para saber mais sobre a autora...

Cristina Faria

ID. ORCID: 0000-0002-3703-3848

Doutora em Ensino e Psicologia da Música pela Universidade Nova de Lisboa.

Desde 2009 que é investigadora no CESEM (Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical) da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito da Música Comunitária, tendo vindo a participar e orientar vários projetos nesta área.

Docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra (ESEC) desde 1989, onde tem lecionado diversas unidades curriculares nas áreas da Teoria da Música, Didática Musical, Prática Vocal, Conceção de Projetos de Artes e Música Comunitária, sendo responsável pela orientação de estágios nesta área.

Formadora em “Didática da Expressão Musical” e em “Boas Práticas na Utilização da Voz para professores, comunicadores e atores”.

Foi coautora do desenho curricular da Licenciatura em Professores de Educação Musical, da Licenciatura Música e do Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico da ESEC.

Diretora da licenciatura em Teatro e Educação da ESEC.

Faria, C. (2017). “Sempre tive o sonho de aprender música”: relato de uma experiência de aprendizagem musical depois dos 50 anos. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 12, setembro, 2017, 191-204. ISSN: 2182-018X